

Uma *Andrologia* para o Século XXI

Alexandre Moreira

Presidente da Sociedade Portuguesa de Andrologia
Professor Associado do ICBAS
Chefe de Serviço de Cirurgia Vasculardo HGSA-Porto

Conferência na sessão de abertura do VII Congresso Nacional de Andrologia, 3 de Março de 2000, Espinho

A Andrologia assume-se actualmente como uma ciência consolidada e prestigiada abordando campos do saber fortemente ligados às preocupações mais frequentes e intensas vividas pelo homem, em relação com a patologia do aparelho reprodutor e a sexualidade.

Durante muito tempo o estudo da sexualidade limitou-se a decifrar as leis biológicas da reprodução. No início deste século passaram a ser abordados os aspectos da psicologia individual no comportamento sexual e o estudo da sexualidade humana sofreu uma evolução clara no sentido de se desvendar o funcionamento da fisiologia sexual e do tratamento das alterações que podem subsistir.

Os efeitos psicossociais dos descobrimentos científicos e suas aplicações técnicas produziram uma profunda transformação na abordagem do homem e do casal. As técnicas de reprodução assistida tiveram efeitos na organização social pois contribuíram para novas aproximações e combinações entre Homem e Mulher numa época em que a família tradicional começa a deixar de ser o núcleo básico da sociedade civil.

As novas tecnologias introduziram alterações importantes na função reprodutora. Os anticoncepcionais permitem relações sexuais sem fecundação e as técnicas de reprodução assistida possibilitem a fecundação sem relações sexuais. Estes factos implicam que se rescreva o princípio básico da manutenção da vida em que um surge de dois, o qual

alicerça o desejo de ter filhos em 3 eixos fundamentais: ideais culturais apoiados na equivalência entre ser mulher e ser mãe e no equilíbrio entre a identidade masculina e o mandato de manter a espécie, na angústia da morte que cria certa ideia de imortalidade ao deixar descendência e nas singularidades subjetivas próprias de cada indivíduo.

Logo, a infertilidade cria um impacto emocional resultante de um sentimento de perda tripartido: da própria fecundidade do filho desejado e da assimetria por um só membro ser o portador da causa da esterilidade.

No princípio dos anos 50, meio século após a redescoberta das leis de Mendel, a genética era uma ciência bem estabelecida cujos os resultados exerciam a sua influência noutros campos do conhecimento.

A descoberta da estrutura do ADN constituiu então um acontecimento que abriu as portas da genética ao domínio da biologia molecular. Intervir directamente sobre o ADN das células humanas e reinjectá-las nos doentes deixou de ser um sonho para se tornar uma realidade actual, que implicará novos avanços tecnológicos que permitirão a possibilidade cada vez mais frequente de diagnosticar futuras patologias ou de intervir nas células germinais responsáveis pela transmissão da hereditariedade à descendência. Associando as matemáticas à biologia, o modelo de organização espacial de populações celulares abre uma via inédita ao estudo do seu comportamento. A biotecnologia industrial e a inves-

tigação universitária têm um amplo campo de actualização e de certo vão contribuir para o aparecimento de inovações permanentes.

Ainda há bem pouco tempo não era possível pensar analisar o genoma de cada um, mas o anúncio para breve da descrição da totalidade do genoma, vai criar uma base de referência que permitirá a realização deste tipo de observação. Fala-se na nova indústria do ADN na qual os “biochips” vão permitir fazer análises rápidas do património genético individual. Esta evolução constante exige uma atenção rigorosa e cuidada, de forma a termos capacidade de resposta às exigências que nos são formuladas, dentro dos limites impostos pela moral e pela ética.

O crescente poder da ciência para modificar e criar alternativas novas no processo de reprodução humana tem vindo a revolucionar as noções de corpo e doença e a influir nas capacidades efectivas do homem na sua evolução.

Entre os parâmetros da qualidade de vida cada vez mais estudados encontram-se os vários aspectos relacionados com a disfunção eréctil, nomeadamente a relação com a idade dos doentes e a gravidade dos sintomas.

Se a idade é um factor determinante no aparecimento e agravamento das patologias do aparelho reprodutor masculino existem outras variáveis familiares, sociais e profissionais que influenciam a qualidade de vida do homem.

Pablo Picasso afirmou “Quando era jovem, era tão jovem que ainda hoje, com a minha idade avançada continuo jovem”. A frase é repleta de significado, simbolizando a individualidade de cada um que deve ser adaptada à personalidade e à forma de viver de cada indivíduo. A adaptação a novas condicionantes físicas e psíquicas poderão permitir manter o mesmo espírito e a mesma qualidade se houver consciência e espírito abertos à mudança. Melanie Klein disse, referindo-se ao homem a partir dos 50 anos, que deixa de ser fálico para ser encefálico, começando a viver em função, não dos anos passados, mas sim dos que faltam viver.

É perante esta realidade que o Andrologista deve estar preparado para dar sequência às questões do mundo moderno e poder contribuir para que a Saúde Sexual dos indivíduos, considerada como a integração dos elementos somáticos, emocionais e intelectuais e sociais do bem estar, seja um objectivo a atingir.

Tem-se que ter presente que o homem actual não morre de velhice mas sim de doença. O sistema sócio económico e sanitário actual permite aumentar os anos de vida. Logo, o nosso labor como médicos pode e deve contribuir para dar mais e melhor vida.

Neste contexto, de rápido e progressivo avanço tecnológico com uma idade média mais velha e com

uma exigência de qualidade constante, devemos-nos questionar sobre o valor científico das instituições e das organizações.

As publicações existentes e as múltiplas reuniões que se organizam reflectem a falta de profissionalismo e a ausência de rigor científico que norteiam a actividade da grande maioria dos serviços da comunidade médica portuguesa.

Deficiente educação pré e pós graduada não permitem uma reflexão cuidada e aprofundada da experiência que se vai adquirindo na prática diária, a que se associa um deficiente preenchimento dos processos e a dificuldade da sua consulta por inexistência de arquivos organizados e de fácil acesso. O resultado é ausência de rigor na investigação clínica com a realização de trabalhos pouco credíveis e pouco esclarecedores sobre o trabalho realizado e sobre informação que se pretende transmitir.

Há uma evidente falta de condições para se associar à vertente assistencial, demasiado absorvente pelo número excessivo de solicitações, sem apoios administrativos suficientes e eficientes, uma vertente de investigação clínica e experimental que contribuisse para a formação e desenvolvimento e evolução dos profissionais interessados. Mas não se podem evocar como únicos justificativos, para a falta de qualidade e para a praticamente inexistente investigação, a ausência de uma capacidade organizacional e de apoio das instituições.

Temos que procurar na deficiente educação universitária, na desmotivante actividade hospitalar, na falta de interesse pela inovação, na ausência de reconhecimento dos competentes, os motivos fundamentais para a ausência de uma produção científica credível e reconhecidamente válida e útil.

Neste ponto permitam-me que me interroge também sobre o papel das Sociedades Científicas, numa época de profusas e algumas discutíveis reuniões científicas, às quais se vai, não à procura de uma actualização contínua, que a Internet, as vídeo-conferências e as revistas credíveis nos dão permanentemente e sempre que quisermos, mas sim na busca de conhecermos novas gentes, novas terras, aproveitando um para rever velhas amizades. Se este ponto de convívio social e humano é fundamental e nunca deverá ser dispensado, é necessário rever os motivos que levam à organização de um simpósio ou de umas jornadas que muitas vezes exige disponibilidade e envolve custos económicos que não são correspondidos, por falta de motivação e de interesse dos possíveis participantes. Os congressos médicos das sociedades devem constituir a base de todas as reuniões permitindo o contacto entre todos os seus membros e a exploração das actividades exercidas e das experiências adquiridas.

As Sociedades Científicas devem repensar o seu papel e fomentar actividades na prevenção da doença e no seu diagnóstico precoce, participando em acções de formação e de esclarecimento para a população, incentivando acções de formação, na área de ensino médico contínuo e do ensino pós-graduado, e realizando inquéritos sobre a qualidade da prestação de serviços.

Em suma, devem assumir um papel de interlocutor válido quer com o Poder Político quer com a Ordem dos Médicos, baseados num diálogo que deve ser institucional, constituindo-se como um parceiro consultivo, isento, interessado, conhecedor e responsável.

Tem vindo a Sociedade Portuguesa de Andrologia a orientar-se nesta linha de trabalho, consciente da sua dimensão e do número de especialidades às quais os seus membros pertencem.

Vamos prosseguir cientes que a Sociedade será o que os sócios pretenderem dela e da colaboração que prestarem aos actuais e futuros corpos directivos e da necessidade de dinamizar e de envolver mais

colegas na problemática Andrologia, especialmente no estudo e tratamento da infertilidade.

A Andrologia atravessa um momento de profunda reflexão na Europa, havendo um conceito embrionário para a formação da especialidade de Andrologia, integrando todos os campos dos ramos do saber que constituem a moderna Andrologia. É uma ideia que está a ser trabalhada e merecedora de um estudo atento e pormenorizado. Esta ideia ressalta da importância e da singularidade cada vez maior dos problemas inerentes ao homem e ao seu aparelho reprodutor.

No início do século XXI, quando comemora 21 anos de existência e organiza o VII Congresso Nacional, a Sociedade Portuguesa de Andrologia está dinâmica e empenhada a continuar a contribuir para o desenvolvimento da Andrologia, apoiada no trabalho e na colaboração dos seus membros.

Ao realizar-se o VII Congresso, a SPA sente-se orgulhosa do seu passado, consciente do seu presente e confiante no futuro.